

Acervo musical da “Coleção Thereza Christina Maria” da Biblioteca Nacional: é possível falar em completude?

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Cristiana Aubin

Universidade de Coimbra - cristiana.aubin@gmail.com

Bolsista do Programa PNAP da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo aborda as dificuldades necessárias a ultrapassar para se obter uma melhor identificação do acervo musical “Coleção Thereza Christina Maria” que se encontra desatualizado nas ferramentas de busca e desconhecido quanto ao seu conteúdo. Indicamos lacunas no acesso às fontes e apresentamos uma nova soma do contingente de obras, seguindo as preocupações metodológicas enunciadas por DUCKLES (1980) e reiteradas por CASTAGNA (2008), sobre a importância e consequente desenvolvimento da arquivística musical dentro da musicologia.

Palavras-chave: Coleção Thereza Christina Maria. Arquivística Musical. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Music Collection of “Thereza Christina Maria collection” Biblioteca Nacional: it is possible to talk about completeness ?

Abstract: This article discusses the complexity of the “Thereza Christina Maria music collection” outdated in most research tools and virtually unknown as to its content. It indicates difficulties concerning access to sources and proposes a redefinition of the collection number or work and contents, following the methodological concerns raised by DUCKLES (1989) and reiterated by CASTAGNA (2005) on the importance and consequent development of musical Archival Within the musicology.

Keywords: Collection Thereza Christina Maria. Music archival science. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

1. A problemática do acervo musical da “Coleção Thereza Christina Maria”

Este trabalho pretende lançar luz sobre a complexidade do acervo musical da Coleção Thereza Christina Maria que permanece após 125 anos de existência, inexoravelmente desconhecido. A Biblioteca Nacional cita a coleção em seus *links* de acesso como a maior doação recebida até então, constituindo uma das bases para a construção do acervo de música. Contrariando as expectativas do que se espera ser a grande coleção, encontramos um acervo com dados de busca incompletos e comprometidos. O material está disperso nas gavetas públicas de consulta e no domínio de busca *online*, onde a famosa “Coleção Thereza Christina Maria” atende timidamente por “ctcm”, o montante final é de apenas 247 obras. Não existe um inventário geral das partituras da coleção. Há apenas um guia de exposição produzido em 1955

- “Edições Raras das Obras Musicais - Coleção Teresa Cristina” elaborado por Mercedes Reis Pequeno, onde são descritas 88 obras raras, dentre elas 22 primeiras edições.

O pesquisador Pedro Persone (2014) também engajado nas pesquisas sobre a “Coleção Thereza Christina Maria” afirma que a coleção é praticamente inexplorada e urgente a necessidade de uma grande divulgação do “tesouro musical” existente. Infelizmente, a referida coleção não tem recebidos os créditos que lhe são devidos e mais do que nunca é necessário atualizar esse acervo tão rico e variado, dando-o a conhecer.

Quando a coleção foi recebida, em 1891, a Biblioteca Nacional não possuía os recursos adequados para administrá-la e por ser muito extensa, o processo de classificação e catalogação dos itens levou mais de uma década para ser feito e ainda passaria por nova recatalogação. Podemos ler nos Anais da Biblioteca Nacional:

E a grande “Colleção Thereza Christina Maria”, (...), estão[está]fora do gôso do publico (...)Para a catalogação da numerosa collecção imperial reclamaram os meus dous mais próximos antecessores uma comissão especial e reclamei-a também. (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v.19, 1896: 265).

Restricto como é o numero de empregados da secção, aos quaes é possível encarregar da catalogação, (...) só podia ter marchado lentamente esse trabalho, que é primordial e inadiável, mas que não obstante se acha atrazadissimo. A collecção D. Thereza Christina Maria ainda está quasi toda, póde dizer-se, por catalogar (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v.23, 1900: 613).

Em 1919, o diretor Urbano Araújo relata a necessidade de atualização dos dados devido a “deplorável balburdia de que até agora se ressentiu o lançamento dos nomes de autores nas fichas de catalogo”. (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v. 41 - 42, 1919: 292).

O acervo de música sofreu com a falta de tratamento especializado e ficava misturado em diversos setores da Biblioteca com os demais itens. Foi a intercessão de D. Mercedes que mudou esse cenário conseguindo que o material de música ficasse agrupado, criando em 1952 a Divisão de Música e Arquivo Sonoro, DIMAS.

Muitas melhorias já foram conquistadas, porém ainda permanecem vários problemas. Alguns desses problemas podem ser elucidados pela citação de um relatório bem mais recente, formulado pelo Dr. Adeilton Bairral, chefe da DIMAS no ano de 2007/08. O autor explica que a seção de Música apresenta duas grandes divisões para a localização de livros, periódicos e partituras no acervo, e são elas: a de autores de língua portuguesa (brasileiros e portugueses, a princípio) e autores estrangeiros (incluindo os traduzidos para o português). “Esta divisão faz com que o usuário que procure um assunto mais geral, que não esteja restrito

a um idioma, tenha que procurar em até seis fichários dificultando o encontro das obras desejadas” (BAIRRAL, 2008: 9). E elucida:

Para exemplificar: uma busca sobre técnicas de composição para um determinado instrumento, busca-se tanto em literatura quanto em métodos, separados em livros e partituras, em língua portuguesa, em língua estrangeira, no fichário de periódicos em língua portuguesa e periódicos em língua estrangeira, portanto, em seis fichários, além da base na internet (BAIRRAL, 2008: 9- nota de rodapé n° 7).

Paulo Herkenhoff esclarece que junto às fichas já existentes, foram sendo acrescentados outros estágios tecnológicos de busca. Porém como um estágio mais moderno não substituiu o outro mais antigo, continuariam todos válidos. Seriam eles, as “fichas manuscritas em rebuscada caligrafia; (...) a máquina de escrever, introduzida na casa em 1902 e, por fim, o computador. (HERKENHOFF, 1996: 8). De acordo com o volume 119 dos Anais da Biblioteca Nacional, o Programa de Unificação de Metodologia de Geração das Bases de Dados Bibliográficos e sua conversão para o Formato Usmarc, permitiu, em 1999, a conversão de 20 bases de dados, incluindo as partituras musicais. “Um dos principais resultados obtidos foi a disponibilização das bases na internet, por meio do site da Fundação Biblioteca Nacional: www.bn.br.(ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v. 119: 337).

Ocorre que a existência do computador e da base de dados online como ferramenta de busca, não implica necessariamente a facilidade no acesso à informação. Um dos graves problemas a respeito da noção de completude do acervo musical da coleção, deriva do fato da referência “ctcm” estar digitada na base online como “nota”, que não se configura um campo de busca efetivo. A pesquisadora Beatriz Magalhães-Castro (2009) também adverte sobre as mesmas dificuldades:

O catálogo de partituras disponível on-line tampouco oferece os recursos necessários para identificação das obras da coleção através de filtro específico: apenas 65 obras foram catalogadas incluindo-se o campo “coleção”, as demais só podem ser identificadas a partir do campo “notas”, o qual não responde a filtros (MAGALHAES-CASTRO, 2009: 154).

Contudo, a Biblioteca Nacional reconhece o nível de dificuldade em que se encontram alguns de seus arquivos e incentiva e apoia projetos acadêmicos voltados para a melhoria dos seus acervos. É desse modo que podemos nos apresentar como um dos bolsistas do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, cujo projeto a que estamos engajados pretende contribuir para a atualização do acervo digital e das gavetas públicas de consulta.

Para tal, nossa pesquisa ainda em curso, vem fazendo o levantamento metódico do contingente das partituras da coleção, desenvolvendo um inventário e um guia de busca dessas obras na Biblioteca Nacional.

2. A necessidade do intercâmbio disciplinar.

Paulo Castagna (2005) explica que até meados da década de 1980, os acervos musicais e não-musicais não recebiam tratamento diversificado e eram tratados com metodologia muito próxima originária da biblioteconomia. Os estudos musicais costumavam abordar temas específicos sobre obras e compositores, sendo raras a iniciativa para melhorar os acervos aonde essas peças eram encontradas. Desse modo, os acervos recebiam um tratamento superficial, “mas na maioria das vezes nem chegavam a essa fase, permanecendo desorganizados e sujeitos ao extravio total ou parcial (CASTAGNA, 2005:1).

Porém, a nova visão da musicologia traz à tona uma diferente visão metodológica, e nesse sentido, Castagna descreve a subdivisão proposta por DUCKLES (1980) a respeito das novas vertentes musicológicas e dentre elas, a “Crítica Textual”, que se dedica ao estudo das fontes musicais. Essa abordagem musicológica engloba vários ramos possíveis e a “elaboração de inventários e catálogos de fontes musicais primárias, atividade que hoje pode ser denominada arquivologia musical, também ocupa importante lugar nos estudos de crítica textual. (CASTAGNA, 2008: 21). E este “importante lugar” é devido, pois a arquivologia musical contribui para a organização das fontes oferecendo subsídios para a realização de outras vertentes metodológicas.

As fontes quando organizadas, auxiliam e aceleram o processo reflexivo e o aspecto crítico das demais abordagens. Porém ainda há muito trabalho a ser feito e é preciso “investir um grande esforço na sistematização das fontes, e desta vez com maior rapidez e consciência metodológica. (CASTAGNA, 2008: 29-30).

Nosso objetivo, portanto, se insere na visão da nova musicologia cada vez mais preocupada com a produção de pesquisas mais completas, tornando evidente a necessidade do diálogo interdisciplinar. Para nossa pesquisa, esses diálogos contemplam mais vivamente a Arquivística e a Biblioteconomia, cujos conhecimentos são fundamentais para nos ajudar a suprir as lacunas deixadas ao longo do tempo devido ao tratamento inadequado das fontes de pesquisa.

Segundo André Guerra Cotta, essa inadequação se dá pois muitas vezes acontece que se confunda o tratamento técnico de documentos com a catalogação musical o que causa perdas preciosas de informações. “A arquivologia musical pode, através dos conceitos apresentados, de alguns processos básicos de tratamento técnico e de instrumentos bem definidos, ajudar a evitar tais equívocos” (COTTA, 2006:27). Por isso é extremamente

importante que um acervo esteja organizado e com uma descrição adequada para possibilitar a difusão documental e a facilitação do seu acesso. “A organização permite a estruturação física e intelectual dos documentos, enquanto que através da descrição se recupera a informação sobre o contexto e o assunto da documentação” (ROE apud MARQUES, 2009:37).

Nesse mesmo sentido, André Lopez afirma que sem a descrição estamos na mesma situação de um analfabeto diante de um livro que “ele pode pegar e folhear, mas ao qual não pode ter acesso completo por não possuir meios que lhe permitam compreender a informação” (LOPEZ, 2002:12). Para Vanderlei Batista dos Santos (2015), a Arquivística não é uma disciplina que se encerra em si própria, principalmente devido aos seus objetos de estudo (SANTOS, 2015: 33).

De acordo com esse pensamento, podemos compreender que a colaboração científica, a busca, a organização e descrição de arquivos e acervos já não é tarefa exclusivamente reservada aos arquivistas e bibliotecários. A interdisciplinaridade, em sua maior ou menor intensidade, é fundamental quando se tem em mente fazer uma descrição de arquivos complexa, comprometida e comunicativa, que demande a interlocução teórica e metodológica de diferentes disciplinas. Quanto maior a multiplicidade de conhecimento, melhores serão os resultados obtidos e menores as chances de erros e equívocos no produto final. Segundo Olga Pombo “o progresso da investigação faz-se, cada vez mais, não tanto no *interior* dos adquiridos de uma disciplina especializada, mas no *cruzamento* das suas hipóteses e resultados com as hipóteses e os resultados de outras disciplinas” (POMBO, 2004:10, grifos do autor).

Tendo em mente essa necessidade, fizemos um levantamento sistemático e aprofundado das partituras nos seguintes setores da Biblioteca Nacional: fichários públicos; fichários topográficos¹; livros de registro da seção dos manuscritos; periódicos; e a base digital. O estudo até agora contou com três etapas de execução. Na primeira delas, anotamos em uma tabela todas as fichas que contivessem identificação CTCM tanto no fichário público como no fichário topográfico. A segunda etapa, consistiu em fazer uma triagem dessas fichas pois muitas delas estariam repetidas, uma vez que vasculhamos fichários diferentes que continham, porém, os mesmos assuntos. De posse de uma segunda tabela filtrada, passamos à terceira etapa do procedimento que consistia na confrontação dos dados reunidos na nossa relação com a base de busca *online*. Esse procedimento gerou uma nova listagem que dessa vez dividimos por gêneros musicais e por ordem alfabética do compositor.

A partir dessa última tabela, apresentamos abaixo os resultados parciais do contingente de obras identificadas. É importante esclarecer que por se tratar de uma investigação

em andamento, este trabalho está ainda numa fase de digestão através de múltiplas leituras numéricas e estatísticas, sempre perseguindo o objetivo de assimilar e caracterizar de forma tão completa quanto possível um fundo musical de dimensão muito considerável.

3. Resultados e considerações finais

Mesmo falando em resultado preliminar, parece-nos já ser expressiva a quantidade de obras por nós levantadas e o contingente acessível ao público. Dito isto, mesmo após três anos de levantamento insistente e sistemático e embora tenhamos verificado todos os fichários disponíveis submetendo as fichas ao cruzamento da base *online*, ainda podem existir outras peças camufladas em meio aos armazéns da biblioteca ou mesmos em outras instituições².

Nosso levantamento já possui o número atual de 1115 obras identificadas. Desse número, 1036 são partituras; 21 são libretos/ letras de música; 22 são métodos e tratados; e 36 obras indefinidas. Essas últimas foram identificadas como pertencentes à coleção, mas não podemos confirmar qual o gênero musical. Isso ocorre por faltar dados descritivos na ficha ou pelo estado precário da partitura, impossibilitando o seu manuseio.

Fazendo um panorama da situação, notamos que em 2009, dez anos após a base online estar ativa, a soma das partituras apresentadas era de 65 obras. No início do nosso trabalho em 2013, o número havia subido para 195 obras. Em 2016, encontramos 247 obras. Em quase duas décadas como podemos perceber, as atualizações foram muito poucas. As tarefas dos funcionários da casa são muitas, não permitindo que o conhecimento do fundo evolua de forma mais rápida. É, portanto, imprescindível que a comunidade científica entre em cena para colaborar na melhoria do tratamento dos acervos.



Tab.1 Dados comparativos entre levantamento das obras encontradas pelo autor e o contingente oferecido nos meios de busca da Biblioteca Nacional.

Corroborando nosso pensamento sobre a colaboração científica, trazemos dois exemplos que acreditamos revelar a utilidade da nossa pesquisa e urgência da atualização dos dados. No “Histórico” do site desenvolvido por Persone sobre um catálogo temático de partituras para forte piano da “Coleção Thereza Christina Maria”, o autor observa que do compositor Jan Křtitel Vanhal (1739-1813) há apenas um conjunto de 2 sonatas para piano e clarineta: *Sonata per Il Clavicembalo o Piano-Forte con Clarinetto o violino obbligato Composta da J. Wanhal* (Bonn N.Simrock, 1806). Persone aponta para um erro de descrição na ficha, pois, apesar do título apresentar "sonata", o número de localização OR-V2 conteria duas sonatas. Porém, em nossa garimpagem pelo acervo, conseguimos encontrar seis novas indicações de partituras do compositor com a grafia do nome Johann Baptist Vanhal. São elas: *I Sonatines pour le clavecin ou piano forte; VI Ecossoises; Petites pieces faciles pour piano forte, avec violon; Trois Sonates pour le piano-forte avec flute ou violon; Sonata per il pianoforte con violino obligato; Trois Sonates pour le piano-forte, avec accompagnement de violon oblige et de violoncelle ad libitum.*

O segundo exemplo é sobre o trabalho de Magalhães-Castro que parece também proceder à construção de um catálogo temático. No seu artigo, anteriormente citado aqui a pesquisadora observa que para se determinar o conjunto total de obras da coleção, foi preciso construir um catálogo manualmente cruzando informações do campo “ano de publicação” e “notas”. No ano de 2009 a pesquisadora havia tratado cerca de 200 obras com a indicação de uma nota de rodapé onde podemos ler: “Estima-se que o volume total aproxime-se a cerca de 250 obras tendo portanto sido identificadas cerca de 80% do seu volume total”. (MAGALHAES-CASTRO, 2009: 154). Não fica claro para nós se esse número de obras ao qual a autora se refere diz respeito ao volume total das partituras da coleção ou dos impressos a partir de 1817 que visam a relação luso-brasileira, como ela trabalha. Porém, apenas a título de exemplificação, numa primeira contagem procedida por nós, só os impressos das partituras de piano existentes na coleção até 1888 já são superiores a 350 obras, sem somarmos aí os outros gêneros musicais e naturalmente, os manuscritos. Estes dois exemplos que nos parecem pertinentes reiteram a importância de termos fontes mais seguras e acervos melhorados.

Motivados pelo projeto de colaboração científica com o qual no identificamos, concluímos esse artigo citando uma das conclusões elaboradas no III Simpósio Latino-Americano de Musicologia, ocorrido em 1999 na cidade de Curitiba.

O pesquisador deve respeitar a integridade dos acervos, contribuir para sua preservação e valorizar o acesso dos demais interessados, mesmo aos acervos com os

quais trabalha ou trabalhou, visando à democratização da pesquisa, à pluralidade de abordagens dos objetos de estudo e à expansão das investigações musicológicas (CONCLUSOES, 2000:12).

Respondendo a nossa pergunta inicial, podemos dizer que o sentido de completude do acervo musical da “Coleção Thereza Christina Maria” está ameaçado. A noção de circunscrição, daquilo que exatamente pertenceu ao fundo e onde ele começa e termina, tememos já estar perdida. O acervo musical sofreu tantos reveses que temos a impressão, ainda que preliminar, que não será possível circunscrevê-lo na totalidade.

Com o número de partituras sempre em expansão na Biblioteca Nacional, o conhecimento, controle e triagem dos itens torna a missão cada vez mais complicada. Há também a possibilidade de existirem partituras em outros setores da Biblioteca Nacional assim como fora dela, como citamos anteriormente. A imprecisão dos dados nos campos de busca também limita a abrangência da pesquisa, dado que é necessário o conhecimento prévio de compositores e títulos para realizar uma busca bem-sucedida. A falta de um inventário geral que se estendeu por demasiados anos, somado ao fato de as obras ainda permanecerem dispersas, pode ter contribuído para que a noção do conjunto, do “todo” que cerceia a coleção tenha se perdido.

Contudo, ainda que não possamos falar em completude, a triagem na Biblioteca Nacional precisa ser feita pois o acervo designado “Coleção Thereza Christina Maria” é extremamente rico e precisa ser dado a conhecer e sair da obscuridade. Acreditamos que a elaboração do inventário musical é um passo eficiente para minimizar a omissão de um fundo tão significativo. A tarefa é árdua, mas é preciso insistir e não esmorecer diante das dificuldades para que o tempo perdido não apague de vez as respostas da nossa história.

Referências:

ARAÚJO, Urbano Santos da Costa. Relatório da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Anais da Biblioteca Nacional*, v.41 e 42, p. 305-331, 1919.

BAIRRAL, Adeilton. Relatório final das atividades desenvolvidas entre maio/2007 e março/2008 pelo consultor técnico-musical, musicólogo Adeilton Bairral, na Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Fundação Biblioteca Nacional. Documento interno da Coordenação de Acervo Especial da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2008. Não publicado. Exemplar cedido pelo autor.

CASTAGNA, Paulo. *Avanços e Perspectivas na Musicologia Histórica Brasileira*. Revista do Conservatório de Música da UFPel. Pelotas, n.1 Rio Grande do Sul: 2008.p. 32-57.

_____. *Uma relação democrática entre pesquisadores e acervos de manuscritos musicais no Brasil: necessidade ou utopia?* In: LIMA, Sônia Albano de. *Faculdade de Música Carlos*

- Gomes: retrospectiva acadêmica. São Paulo: Musa Editora; A Faculdade, 2005. (Biblioteca aula, v.8. Musa música).
- CONCLUSÕES do III Simpósio Latino-Americano de Musicologia. III SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, Curitiba, 21-24 jan.1999. Anais. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p.11-18.
- COTTA, Andre Guerra; BLANCO, Pablo Sotuyo (Orgs). *Arquivologia e patrimônio musical*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional-A história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra,1996.
- LOPEZ, André Porto Ancona. Projeto Como Fazer. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, v. 6, 2002.
- MAGALHÃES-CASTRO, Beatriz. Coleção Theresa Christina Maria da FBN-RJ: fonte primária para o estudo da circulação da música impressa e da prática da música instrumental no âmbito das relações luso-brasileiras a partir de 1817. In: XIX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 2009, Curitiba. *Anais do XIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM)*. Brasília: ANPPOM, 2009. v. 1. p. 152-155.
- MARQUES, Suzete Lemos. *A Organização Arquivística: O Fundo Administração do Conselho de Torres Vedras*. Lisboa, 2009. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências da documentação e da informação arquivística. Universidade de Lisboa: Departamento de Ciências da Documentação e da Informação. Faculdade de Letras, Lisboa, 2009.
- MELLO, José Alexandre Teixeira de. Relatório da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 19, p. 243-267,1896.
- PERSONE, Pedro. *O Piano então ainda era uma novidade: A Coleção Thereza Christina e sua Performance*. Curitiba: Prismas / Appris, 2014.
- POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração de saberes*. CONGRESSO LUSOBRASILEIRO SOBRE EPISTEMOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE NA POS-GRADUAÇÃO, Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2004, p.1-19.
- SANTOS, Vanderlei Batista dos. *A Arquivística como disciplina científica: princípios, objetivos e objetos*. Salvador: 9BRAVOS, 2015.
- SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. Relatório da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Anais da Biblioteca Nacional*, v.23, p. 239-280, 1900.
- BN.BR. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/terezacristina/apresentacao.html>>. Acesso em 29 de agosto de 2015).
- FORTEPIANO.ORG. Disponível em: <<http://www.fortepiano.org/site/historico.php>> Acesso em 02 de abril de 2016.

Notas

¹ Os fichários topográficos são a organização interna da distribuição das partituras nos armários e armazéns.

² Existem duas partituras encontradas por nós no Museu Imperial de Petrópolis ferindo os princípios da ordem original e da proveniência. Essas duas obras serão agregadas ao conjunto da listagem final junto à proposta de reintegração das mesmas ao fundo do acervo musical da coleção CTCM na Biblioteca Nacional.